



## IGREJA CATÓLICA

# De pastor a líder moral

Leão XIV completa o primeiro ano de pontificado marcado pela conciliação e pela defesa da paz no planeta. Para vaticanistas, papa começa a imprimir a própria identidade como sucessor de São Pedro e a abraçar a missão pastoral

» RODRIGO CRAVEIRO

Filippo Monteforte/AFP



Papa Leão XIV acena a fiéis ao chegar de papamóvel na Praça de São Pedro, na Cidade do Vaticano: um líder religioso simples e agregador

Há exatamente um ano, do alto da varanda da Basílica de São Pedro, o americano Robert Prevost — agora 266º sucessor do apóstolo Pedro — dirigia-se pela primeira vez a mais de 100 mil fiéis reunidos na Cidade do Vaticano. “A todos os povos, onde quer que estejam, a todas as nações, a toda a Terra: a paz esteja convosco”, afirmou. Também enviou uma mensagem especial à própria Igreja. “Devemos procurar, juntos, como ser uma Igreja missionária, uma Igreja que constrói pontes, dialoga, sempre aberta para acolher.” No mês passado, condenou a guerra entre Estados Unidos, Israel e Irã e tornou-se alvo de críticas do presidente Donald Trump. O titular da Casa Branca chamou-o de fraco e o acusou de colocar cristãos do mundo em perigo. Leão XIV não escolheu o silêncio e saiu em defesa da paz.

“É um papado de conciliação. No início do pontificado, Prevost falou aquela clássica frase ‘Uma paz armada desarmante’. Isso é o que ele busca fazer. A própria personalidade de Leão XIV o ajuda. Em pouco tempo, conseguiu unir os vários grupos dentro do catolicismo”, declarou ao **Correio** Mirticeli Medeiros, vaticanista e doutorando em história do catolicismo, em Roma. Ela lembrou que, depois das críticas recebidas pelo presidente Donald Trump, católicos tradicionais, progressistas e conservadores uniram-se para defender Leão XIV. “O papa tem conseguido bom trânsito entre vários grupos da Igreja Católica, e vejo isso como um saldo positivo”, observou.

Para Mirticeli, o pontificado de Prevost começou, de fato, neste ano. “Na primeira entrevista a jornalistas, depois do conclave, ele disse que estava aprendendo a ser chefe de Estado. O fruto desse aprendizado são as declarações dadas este ano, que são muito mais

fundamentadas. Agora, Leão se impõe de uma maneira muito mais direta. Ao ser questionado sobre temas geopolíticos, ele responde como representante da Santa Sé, que possui uma ‘política de Estado’ que independe do papa que a governa”, comentou a vaticanista.

Mirticeli vê uma “ruptura” de Leão XIV em relação ao pontificado de Francisco, em janeiro deste ano. “Foi quando ele convocou o primeiro Consistório, conversa com os cardeais e pede o auxílio deles para governar. De maio a dezembro do ano passado, Leão XIV manteve praticamente toda a Cúria do papa Francisco. Agora, ele

começou a impor sua marca e a se expressar quando considera oportuno. No início, estava muito silencioso. Agora, conduz seu pontificado imprimindo sua identidade”, explicou.

Especialista em Vaticano e doutor em ciências sociais pela Pontifícia Universidade Gregoriana (em Roma), Filipe Domingues disse ao **Correio** que o primeiro ano marca apenas o início do pontificado de Leão XIV. “A gente prevê um pontificado relativamente longo, se tudo correr bem e ele estiver bem de saúde. Ele entrou no comando da Igreja com 69 anos. A última vez que houve um papa dessa idade foi

em 1988, com João Paulo II. Leão XIV mostra uma vitalidade: ele faz muitas coisas, conversa e tem muita energia. Um dia depois de uma viagem muito longa à África, estava reunido com as pessoas”, lembrou.

O estudioso cita a capacidade linguística e a visão muito pastoral da realidade partilhada com o seu antecessor, o papa Francisco. “Leão XIV olha para o mundo como pastor, um líder religioso que quer anunciar a mensagem do *Evangelho* e estar perto dos fiéis. Ele tem esse perfil. Também vejo uma visão analítica dos problemas do mundo, além de pragmática e

contida da diplomacia. Ele quase nunca sai do protocolo, mas, quando o faz, responde diretamente”, disse Domingues.

Ainda de acordo com o vaticanista brasileiro, o primeiro pontífice americano iniciou sua missão em meio a um contexto no qual boa parte da instabilidade mundial provém do estilo de governo e das tomadas de decisão do presidente Donald Trump. “Isso entrou na área de ação, de observação e de atenção do papa, que é a questão da paz. Defender a dignidade humana em todas as suas situações, do começo da vida até o fim, é parte da missão do papa.

Todas as questões de moral e de fé estão no campo de ação do pontífice. Quando líderes globais colocam em ameaça a dignidade e a vida humana, a paz, o direito à liberdade e os direitos humanos, eles pisam no campo de ação do papa”, explicou Filipe Domingues.

Por isso, o estudioso baseado em Roma entende que, neste primeiro ano, Leão XIV rapidamente tornou-se uma autoridade moral, que fala e responde às questões do mundo. “Ele busca apaziguar ânimos, mas dizer a verdade quando precisa ser dita e apontar os problemas. Um exemplo é quando fala que se gastam bilhões de dólares na indústria armamentista. É a única pessoa, no contexto global, que está dizendo essas coisas.”

### De Chiclayo a Roma

Quem conviveu com Robert Prevost em Chiclayo, no norte do Peru, não vê muita diferença entre o bispo da cidade de 600 mil habitantes e o líder da Igreja Católica. “Nosso papa Leão segue sendo o mesmo bispo que tivemos aqui em Chiclayo, com essa simplicidade e humildade com que tratava seu povo. Ele se mostrava próximo de todos, dos laicos, dos sacerdotes e das autoridades. Sempre esteve atento a todos”, afirmou ao **Correio** Zuly Castro Saavedra, 55 anos, que foi secretária da Cúria da Diocese de Chiclayo por 40 anos e conhece Prevost desde novembro de 2014.

Zuly destaca que, neste primeiro ano de pontificado, Leão XIV sempre fez um chamado à paz. “Desde o primeiro dia, suas palavras foram em defesa da paz. Ele tem buscado a paz e a unidade a todos os cristãos a nível mundial”, disse. “Nós rezamos muito para que isso ocorra. Também vejo a visita que Leão XIV tem feito a alguns países, com o mesmo carisma e a mesma simplicidade.”

Vatican Media/AFP



O secretário de Estado dos EUA com Leão XIV: arestas aparadas

## Marco Rubio pede a bênção papal no Vaticano

O secretário de Estado norte-americano, Marco Rubio, saiu de um encontro de 45 minutos com o papa Leão XIV satisfeito e confiante no relançamento das relações entre Washington e a Santa Sé. Rubio foi ao Palácio Apostólico, no Vaticano, com a missão de contornar os impactos negativos de uma dura troca de declarações entre o pontífice e o presidente Donald Trump, com críticas recíprocas a respeito da guerra no Iraque.

Um integrante da equipe de

Rubio, que pediu anonimato, classificou a conversa como “amistosa e construtiva”. Em comunicado, o porta-voz do Departamento de Estado, Tommy Pigott, relatou que o secretário e o papa “revisaram os esforços humanitários em curso (no continente americano) e as iniciativas para estabelecer uma paz duradoura no Oriente Médio”. A audiência, segundo Pigott, “resaltou a solidez das relações entre os EUA e a Santa Sé, além do compromisso de ambos em favor da

paz e da dignidade humana”.

As escaramuças (verbaes) entre Trump e o papa começaram há cerca de um mês, quando o chefe da Casa Branca rebateu críticas da Santa Sé à guerra iniciada por EUA e Israel no Oriente Médio, com ataques ao Irã e, depois, ao Líbano. Trump classificou o líder de 1,4 bilhão de católicos, e primeiro pontífice nascido nos EUA, como “fraco como o crime e péssimo em política externa”. Leão XIV condenou como “realmente inaceitável” a ameaça

do compatriota de “varrer do mapa a civilização” persa.

Depois uma breve trégua, o presidente dos EUA voltou à carga no início da semana, quando criticou o papa por, supostamente, “achar que está tudo bem o Irã ter uma arma nuclear”. “Se alguém quer me criticar por proclamar o *Evangelho*, que faça com a verdade”, retrucou Leão XIV. “A Igreja tem falado há anos contra todas as armas nucleares, portanto não há dúvida quanto a isso.”

## ORIENTE MÉDIO

# EUA e Irã trocam tiros e acusações

O Estreito de Ormuz voltou ontem a ser palco de escaramuças navais entre o Irã e os Estados Unidos, que acusaram um ao outro de violar o cessar-fogo firmado há um mês. Teerã acusou as forças norte-americanas de atacar instalações portuárias e dois petroleiros, e a Guarda Revolucionária anunciou ter disparado contra “três navios (militares) inimigos que invadiram a área do estreito e se retiraram prontamente”. O Comando Central (CentCom) dos EUA, que responde pelas operações no Oriente Médio, divulgou comunicado no qual alega ter respondido a “ataques iranianos não provocados contra destróieres que transitavam pelo estreito rumo ao Mar de Omã”. O texto afirma que “as ameaças foram interceptadas”.

Na noite de ontem, o presidente Donald Trump ameaçou o Irã com

mais ataques, se um acordo não for firmado “rápido”. “Assim como os neutralizamos hoje (ontem) mais uma vez, os atingiremos de forma mais dura e com muito mais violência no futuro se não firmarem seu acordo, rápido!”, escreveu em sua rede Truth Social.

À espera de uma resposta do Irã a sua proposta mais recente para um acordo que encerre a guerra iniciada em 28 de fevereiro por Estados Unidos e Israel, a Casa Branca estudava opções para apressar a normalização do tráfego naval pelo estreito, foco do conflito desde o cessar-fogo acertado em 7 de abril para os bombardeios contra destróieres que transitavam pelo estreito desde o início das hostilidades pela Guarda Revolucionária iraniana, a estratégia via marítima é passagem obrigatória para 20% do petróleo negociado nos mercados globais.

Em parceria com os aliados do Golfo Pérsico, cuja economia é atingida pelo impasse, o Departamento de Estado articula uma campanha de pressão sobre a ONU para que exijam do Irã o fim do bloqueio. O regime de Teerã condiciona a liberação de Ormuz à suspensão do bloqueio naval imposto pelos EUA aos portos iranianos. Em desafio a Washington, as companhias mercantes foram comunicadas sobre novos regulamentos a serem obedecidos para a passagem de petroleiros e cargueiros.

### Jogo de espera

Na ausência de retomada efetiva nas negociações diretas para pôr fim à guerra, Trump segue em suas idas e vindas na estratégia para obter uma vitória que lhe permita retirar as forças da região do Golfo — e recuperar

parte da popularidade perdida com o impacto econômico da crise. Ontem, segundo o *Wall Street Journal*, o presidente acenou com a ideia de retomar seu Projeto Liberdade, destinado a oferecer escolta da Marinha norte-americana às companhias dispostas a retirar seus navios retidos pelo bloqueio iraniano.

A decisão, segundo o *WSJ*, teria relação com a decisão da Arábia Saudita e do Kuwait de suspender as restrições aos EUA para o uso do espaço aéreo e das bases instaladas em seu território. O Projeto Liberdade, anunciado por Trump no domingo e colocado em operação no dia seguinte, foi interrompido na noite de terça-feira, depois de escaramuças entre forças navais dos EUA e do Irã, incluindo duros ataques à infraestrutura petrolífera dos Emirados Árabes Unidos.



### Outra imagem profanada

O Exército de Israel informou que está investigando o incidente em que um soldado em serviço no sul do Líbano colocou um cigarro na boca de uma estátua da Virgem Maria, no vilarejo de Debel. A cena foi registrada em foto que viralizou nas redes sociais e provocou indignação. Debel é o mesmo local onde, no mês passado, outro militar israelense foi fotografado quando atingia com uma marreta a face de uma imagem de Jesus crucificado. O comunicado do Exército aponta o episódio como “da maior gravidade” e diz que o envolvido “se desvia completamente dos valores que esperamos da tropa”.